

Hoana Costa Gonçalves

**Dominação e transgressão: uma leitura do movimento
punk da Inglaterra em Brasília nos anos de 1980 a 1985**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de
bacharelado em Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília -
Uniceub.

Brasília-DF

2005

Hoana Costa Gonçalves

**Dominação e transgressão: uma leitura do movimento
punk da Inglaterra em Brasília nos anos de 1980 a 1985**

Banca Examinadora:

Prof^ª. Renata de Melo Rosa
(Orientadora)

Prof^ª. Raquel Boing Marinucci
(Membro)

Prof. Delmo
(Membro)

Brasília-DF

2005

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo fazer um estudo do impacto do movimento *punk*, tanto através de sua manifestação internacional de contestação como também de sua representação em Brasília, durante a ditadura militar no período de 1980 a 1985. O enfoque metodológico refere-se à ausência de canais efetivos de comunicação entre o Estado e a sociedade civil, através do que os *punks* expressaram uma espécie de resistência à opressão estatal, criando momentos de contestação de poder que não seguiram necessariamente caminhos políticos partidários. Após uma reflexão teórica sobre contracultura, desobediência civil e violência serão apresentados depoimentos de pessoas da cena *punk* de Brasília no início dos anos 80. Por fim, serão analisadas letras de músicas de bandas punk da época.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Renata, que me ensinou com toda paciência a dar os primeiros passos na confecção de um trabalho científico e me ajudou a conduzir esse estudo. E aos demais mestres que me ensinaram todas as teorias que fizeram com que esse trabalho se fizesse concreto.

Aos entrevistados, que gentilmente compartilharam comigo suas experiência durante o período em que foram jovens rebeldes em Brasília. Seus relatos tornaram esse estudo possível.

Ao Paulo André e á todos os meus queridos colegas, companheiros, que nesses quatro anos me ensinaram tanto sobre tudo que há de essencial. Obrigada por fazer esses anos inesquecíveis em minha vida. Á Vanessa do núcleo de monografia, por toda dedicação e ajuda á todos os alunos e orientandos.

A Maialú, pela paciência, ajuda e dicas. Ao Delmo, pelo auxílio nas pesquisas e ao Zeca, por me guiar e corrigir. Vocês foram essenciais.

A todos, meu reconhecimento e sinceros agradecimentos por terem me apoiado nesse momento tão importante na minha vida. E especialmente ao meu pai que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos da realização dessa monografia.

SUMÁRIO

Resumo	I
Agradecimentos	II
Sumário	III
Introdução	01
Capítulo 1 - A história do movimento punk na Inglaterra e a chegada desse, no Brasil.	04
1.1 – Desobediência civil	14
1.2 -- Poder e violência	16
Capítulo 2 – Movimento punk como reação á um estado autoritário	22
2.1 - Surgimento do movimento punk em Brasília	23
2.2 - Hippies	26
2.3 - Inconformidade	27
2.4 - Violência do estado	25
2.5 - O final do período da ditadura militar	31
Capítulo 3- Movimento punk e sociedades complexas	34
3.1 - Contracultura	35
3.2 - Sociedade urbana complexa e o movimento punk	38
Conclusão	43
Referências Bibliográficas	46

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende compreender o movimento punk como uma vertente de contestação e expressão de identidade de grupos jovens urbanos, especialmente das áreas periféricas da cidade, através de letras de músicas. Entre os anos de 1980 a 1985 em Brasília. O estudo estará concentrado também nas influências de culturas estrangeiras na cultura local e na relação estado-sociedade civil.

Esta monografia procura analisar o movimento punk da época através de concepções weberianas e geertzianas¹, levando em conta a procura do sentido nas intenções e motivações dos atores envolvidos neste movimento, para isso houve também uma breve exposição sobre a ditadura militar no Brasil.

Para isso, analisei discursos contidos em letras de bandas brasileiras de Punk nos anos de 1980 a 1985, realizei entrevistas com participantes deste movimento, preferencialmente aquelas que viveram a realidade da época, a fim de verificar suas visões de mundo, de sociedade, de diferenciação entre o que lhes era semelhante e o que era seu contraponto.

A importância dessa temática está em compreender o punk como movimento de contracultura, com marcas que ultrapassam as formas convencionais da crítica e dos mecanismos políticos tradicionais, tais como os partidos políticos, associações de classe e sindicatos, além de demonstrar formas de contestação que estabelecem uma linguagem diferenciada, considerada como ação transgressora.

¹ WEBER, Max. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978

Dentro de uma linha de pesquisa relacionada a grupos sociais urbanos de juventude, esta monografia pretende verificar quais os impactos que o movimento punk da década de 80 pode ter em relação às novas formas de contestação de poder, não somente em sua forma institucional, mas também em formas coletivas alternativas, em uma espécie de estética da transgressão que supõe ainda um tipo peculiar de contestação e representa um corte significativo com os modelos políticos, modos de comportamentos, estilos e linguagem.

O modelo interpretativo foi o marco teórico que orientou a presente monografia. Apesar da dificuldade em encontrar pessoas que tivessem vivido o movimento em Brasília no início dos anos 80, foram realizadas cinco entrevistas com pessoas que participaram e influenciaram a cena punk do início dos anos 80 em Brasília. Primeiramente, foi entrevistado Valbert, conhecido como “Nenen”, vocalista, guitarrista e fundador da banda Alarme. Posteriormente, em um show de comemoração aos 20 anos da banda ARD, no Gama, foram entrevistados, Gilmar, Sandro Neiva e Cidão, fundador de um movimento denominado CRÚ, consciência, radicalismo e união. Entrevistei ainda Bosco, vocalista e um dos fundadores da bem conhecida banda Detrito Federal. Os discursos foram transcritos de modo a respeitar a linguagem dos entrevistados, muitas vezes fugindo da norma culta e com gírias.

O presente trabalho apresenta três capítulos e a conclusão, organizando-se da seguinte maneira.

O primeiro capítulo faz uma explanação teórica, apresentando idéias referentes às tribos urbanas, onde utilizei os conceitos de José Guilherme Magnani e a noção de desobediência civil de Thoreau. Também compõem esta análise autores como Dadoun e Glória Diógenes que auxiliaram no entendimento do conceito de

poder e violência. Este capítulo também apresenta um breve histórico do movimento punk na Inglaterra e no Brasil.

O segundo capítulo mostra o Movimento Punk como uma reação civil a um Estado extremamente autoritário. Expõe também, com auxílio das entrevistas, o contexto do surgimento do movimento punk em Brasília mostrando a frágil relação entre a população civil e o Estado Brasileiro, enfatizando a reação da primeira quando os instrumentos de diálogo com o estado são insuficientes ou mesmo inexistentes. O capítulo aborda ainda, como a relação desses jovens com o Estado mudou com a volta de uma democracia formal, depois do período da ditadura militar.

O terceiro capítulo é uma análise das motivações que levam jovens a escolher movimentos culturais com origem em países estrangeiros. E explicita que o período da ditadura militar no Brasil foi um momento exemplar na mudança dos tipos de sociedades urbanas. E como o movimento punk contribuiu para uma complexidade cada vez maior dessas sociedades. Mostra também a contracultura como uma espécie de comportamento desviante.

CAPÍTULO I. A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PUNK NA INGLATERRA E A CHEGADA DESSE MOVIMENTO AO BRASIL.

Punk foi a denominação dada às bandas de inglesas que em 1976/77 começaram a fazer um tipo de rock inovador, compreendendo letras agressivas e denúncias políticas. Esse termo passou a designar um estilo musical que em pouco tempo se expandiu, conquistando espaço na cena cultural de diversas partes do mundo, especialmente entre a cultura jovem.

No Brasil, o *punk* chegou em plena ditadura militar - eminentemente conservadora - e virou uma espécie de “*tribo urbana*” de jovens que contestavam este e outros poderes. Em geral, eram moradores das periferias e de setores marginalizados das grandes cidades que, em uma espécie de resistência à opressão, faziam músicas com discursos relativos à diferença de classes sociais e, também, contestando o poder político da época, transpondo as formas convencionais da crítica e dos mecanismos políticos tradicionais, tais como os partidos políticos. Logo, o *punk* tinha também um propósito político, fazendo das letras de música, dos shows, dos encontros e, sobretudo, da estética, instrumentos para expressar a indignação frente à sociedade burguesa.

O *rock*, não só como estilo musical, mas como fenômeno social, teve alcance mundial. Entrou em contato com os ritmos e culturas locais, transformando-as e sendo rapidamente absorvido por certos setores das sociedades, gerando condições para a criação de uma *youth culture*² (cultura jovem) que passou a articular essa linguagem internacionalmente. O movimento punk apareceu anos depois do surgimento do rock, como uma expressão da *youth culture*.

² Verbete utilizado pela autora Janice Caiafa, no livro *Movimento punk na cidade*. p.11, para indicar uma cultura jovem globalizada.

Segundo Dadoun³, a violência contemporânea encontra sua expressão mais típica e influente no desenho animado e na música. E embora existam composições artísticas que exerçam um efeito “desaterrorizante”,

existem ritmos musicais populares que provocam o furor e frenesi como o rock e sua recente versão, o punk, ilustrado pelo trabalho dos Sex Pistols, conjunto de apelação tão chamativa que ele próprio se associa á palavra de ordem ‘destroy’⁴

No Brasil, o movimento punk surgiu em meio ao regime de ditadura militar. O impacto de um movimento internacional de contestação da cultura vigente, das práticas governamentais e dos valores de massa que não atendiam aos anseios de uma população à margem do mercado de trabalho e do consumo geriu a formação de uma cultura global propensa a aderir à ideologia e à simbologia do movimento punk. Em outros termos, houve uma identificação com os ideais de insatisfação nascidos na Europa.

Assim, para reconstituir a chegada desse movimento ao Brasil, a qual foi influenciada pelos meios de comunicação de massa, serão examinadas as reportagens da imprensa brasileira desse período, como a revista Istoé ou o jornal Folha de São Paulo.

Quando se busca reconstituir a história, a origem e o desenvolvimento dos punks, seu surgimento encontra-se inevitavelmente na Grã-Bretanha, por volta de 1966, apesar de estudos de décadas anteriores já apontarem em centros urbanos localizados em várias partes do mundo, a existência de jovens organizados em grupos.

³ DADOUN, Roger, em *A violência: ensaio acerca do “homo violens”* / tradução Pilar Ferreira de Carvalho, Carmen de Carvalho Ferreira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. p. 43

Pode-se dizer então, que os punks são originários da Inglaterra, provenientes das classes trabalhadoras, filhos de pais operários e moradores de zonas suburbanas. Eles questionavam os valores e normas da sociedade burguesa e consumidora e, com esta postura, assustavam as autoridades e demais setores da população.

Na Grã-Bretanha, de acordo com a opinião de Knight⁵, a proliferação de grupos de jovens organizados em gangues teve início na década de 50. Nesse país, como em outros países capitalistas, essa década marca a consolidação do consumo de massas, caracterizado por ser de larga escala, sem direcionamento a um público exclusivo.

Essa década marcou também o início de uma maior autonomia do jovem perante a sociedade e o grupo familiar, e sua relativa independência financeira, o que lhe permitia consumir e diferenciar-se através de uma série de bens e da busca de espaços próprios para seus encontros e lazer. No interior desse processo, multiplicaram-se gangues de jovens que se caracterizavam por adotar atitudes consideradas anti-sociais, ou seja, que iam de encontro às instituições sociais,⁶ e por isso, eram frequentemente taxados de delinquentes e criminosos.

Embora, segundo Márcia Regina da Costa⁷, a consolidação do consumo de massas remonte aos anos 30, esse processo ficou interrompido durante a Segunda Guerra Mundial e na reconstrução do pós-guerra, período de grande austeridade econômica. Com a retomada do desenvolvimento, a partir dos anos 50, ocorreram mudanças significativas nos sistemas educacional, de saúde e de bem estar de um

⁴ Idem, p 55

⁵ KNIGHT, Nick. *Skinhead*. London/ New York, Omnibus Press, 1982.

⁶ Conceito utilizado por Durkheim, Emile em *As regras do método sociológico*, 15.ed. São Paulo: Nacional, 1978.

⁷ COSTA, Márcia Regina. *Os carecas do subúrbio*, São Paulo: Musa, 2000, p 20

modo geral. Sucedeu também, além de uma melhoria no padrão de vida da classe operária, uma alteração na balança de poder entre as classes sociais, beneficiando a classe operária. Ao mesmo tempo, aumentava a confiança no *establishment* e o Império Britânico se desmantelava.

O aumento de empregos, nesse momento, não significou apenas um maior poder para a classe trabalhadora em geral, mas também alterou as relações entre as gerações. Uma das manifestações desta mudança é que, nos anos 50, os trabalhadores jovens passaram a gastar muito mais dinheiro do que nos anos anteriores e isso tornou possível a criação de um mercado de bens culturais endereçado aos jovens e assim, a consolidação de uma cultura estética jovem baseada prioritariamente no consumo.

Muitos desses jovens se reuniam em grupos que procuravam se diferenciar do restante da população pela revolta, agressividade e desprezo pelos padrões sociais, expressas em suas preferências a determinado tipo de música, filme, roupa, corte de cabelo e outros comportamentos que demonstravam.

Na Grã- Bretanha nos anos 60, alguns jovens empregados, provenientes da classe operária, organizados em gangues e considerados briguentos, gostavam de ouvir *rock and roll*. Logo, algumas dessas gangues, começaram a ser conhecidas por *teddy-boys*, *rockers* e *mods*. Esses jovens tiveram seu estilo difundido em um curto espaço de tempo pelo país e por toda Europa graças ao poder de difusão da mídia, principalmente da televisão, da qual chamaram logo atenção. Os *mods* rodavam pelas ruas, bem vestidos, em suas lambretas, e contrastavam com os *rokers*, que ostentavam, orgulhosos, seus blusões de couro e tentavam se aproximar do estilo assumido pela gangue de motoqueiros americanos "*Hell's Angels*".

Nessa mesma década, surgiram os *skinheads*, grupo de jovens conhecidos por sua conduta violenta, que tiveram seu surgimento ligado à crise que começou a se delinear na década de 60, na qual se envolveu profundamente a classe operária inglesa. A crise era decorrente, dentre outros fatores, das alterações econômicas pelas quais a sociedade inglesa passava.

Em 1971, um inglês chamado Malcom McLaren abriu uma loja de roupas chamada *Let it Rock*, destinada à nova geração de *teddy boys* e, com isso, McLaren tornou-se uma celebridade entre músicos e modernos londrinos. Dois anos depois, os integrantes de uma banda já bem conhecida nos Estados Unidos, chamada *New York Dolls* adentram a loja e McLaren, o visual absurdo da banda, que misturava muito brilho e sadomasoquismo, o conquista e ele vira seu empresário, que trouxe uma idéia brilhante dos Estados Unidos. Depois de perceber que o que valia no mundo do rock em 75 era muito mais a atitude do que o som, visto que estava acontecendo uma decadência do estilo de rock progressivo, famoso no final dos anos 60 e início dos anos 70, com músicas bem trabalhadas e solos de guitarra com mais de dez minutos de duração. McLaren decidiu então fazer uma banda segundo seus novos padrões.

Mais uma vez em Londres, reassume sua loja - agora chamada SEX - e transforma-a no epicentro do terremoto que sacudiria o mundo pop, ajudado pela estilista Vivienne Westwood. Segundo o próprio McLaren, foi ali que ele inventou o punk rock, ou melhor, os Sex Pistols, que foi uma banda criada em 1977 que veio a ser ícone do punk, sendo muito exibida na imprensa e iniciando a ideologia do '*do it yourself*' (faça você mesmo). Essa ideologia prezava mais as letras, a postura e comportamento de uma banda, do que a técnica musical.

As letras de músicas dos Sex Pistols, falavam do momento de crise que a Inglaterra passava. Segundo Essinger:

*Dentro de algumas semanas, a rainha Elizabeth estaria completando 25 anos no trono – um jubileu que, esperavam os governantes, iria trazer um pouco de distração (e torpor) para o povo desiludido com a péssima situação sócio-econômico-espiritual do país. Não imaginava ela o presente que os Sex Pistols lhe preparavam.*⁸

No dia do aniversário da rainha Elizabeth eles lançaram o compacto “God Save the Queen”, canção que trazia uma das máximas do movimento punk inglês: “Não há futuro na Inglaterra”. Em uma das raras entrevistas dadas pelos Pistols na época, Johnny Rotten, o vocalista, explica a revolta de sua banda: “A música precisa dar assistência a todo esse lixo (a sociedade britânica). A música tem que mostrar saídas para se vencer a estagnação. Ela tem que ser verdadeira, mas também bem-humorada”. E assim, em tom irônico, os Sex Pistols demonstraram o abalo da confiança da população inglesa em uma época de crises:

God save the queen / Her fascist regime / It made you a moron / A potential H bomb / God save the Queen / She ain't no human being / There is no future / In England's dreaming // (...) // God save the Queen – Tourists are money / Our figure head – Is not what it seems / God save history – Save the mad parade / Lord have mercy – All crimes are paid // When there's no future how can there be sin? / We are the flowers in the dustbin / We are the

⁸ ESSINGER, Silvio. *Punk: Anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1999. p 39

*poison in the machine / We are the romance behind the screen // God save the queen – We mean it man / We love our queen – God save*⁹

McLaren afirmava ainda ter sido o autor do termo *punk* para designar esse novo estilo musical. A palavra “punk” em si, não era nova. William Shakespeare a usava para qualificar prostitutas¹⁰. Séculos depois, a palavra transformou-se no adjetivo para designar sadomasoquistas. Existiu nos Estados Unidos, uma revista alternativa chamada “Punk”, criada em 1975, por freqüentadores de um clube de Nova Iorque chamado CBGB’s que revelou diversas bandas conhecidas como pré-punk, como os Ramones.

Alguns americanos afirmam que o movimento punk nasceu realmente em Nova Iorque¹¹, na segunda metade dos anos 70, e que as bandas conhecidas como pré-punk eram as “verdadeiras” bandas punk. Esse movimento norte-americano era apolítico, mas era musicalmente parecido com o movimento punk que explodiu na Inglaterra pouco tempo depois.

Já no Brasil, os punks a princípio se organizavam em um movimento, ou seja, se uniam numa espécie de agitação, um movimento político. Segundo o autor Melucci, os movimentos indicam “*uma transformação profunda na lógica e nos*

⁹ *Deus salve a Rainha / E o regime facista / Ele o tornou um imbecil / Bomba H em potencial / Deus salve a Rainha – Ela não é um ser humano / E não há futuro – Nos sonhos da Inglaterra // (...) // Deus salve a Rainha – Turistas são dinheiro / Nossa figura principal – não é o que parece ser / Deus salve a história – Salve a parada louca / O senhor tenha piedade – todos os crimes são pagos // Quando não há futuro, como pode haver pecado? / Nós somos as flores na lata de lixo / Nós somos o veneno na máquina / Nós somos o romance atrás da tela // Deus salve a Rainha – é sério, cara! / Nós amamos nossa Rainha – Deus salve*

¹⁰ CAPRISTANO, Pablo. *Pequenas Catástrofes*. Natal: Rocco, 2003

¹¹ MCNEILL, Legs e MCCAIN, Gillian. *Mate-me, por favor*. Porto Alegre: L&PM, 1997. p 261

*processos que guiam as sociedades complexas.*¹². Ainda segundo Melucci, os movimentos tem:

*A sua função principal de tornar visíveis e coletivas questões consideradas importantes pelos movimentos; não de institucionalizar os movimentos, mas de permitir que toda sociedade assuma como seus, os dilemas que a atravessam.*¹³

No Brasil, o punk surgiu em 1977 já como um movimento de agitação política em meio ao regime militar. Nesse ano, a imprensa brasileira noticia o movimento e denuncia sua presença no país. A Istoé¹⁴ afirma, numa reportagem que:

no Brasil, o punk se manifesta só através do visual e algumas caretas e diz que se na Europa os punks são um caso de polícia, aqui virou curtição tropical.

Ainda nessa reportagem, relatos feitos sobre os punks da Europa eram claros em enfatizar o lado da busca pelo insulto, do descrédito pela democracia e das ligações com a extrema direita. Entrevistas, realizadas na Europa, apontavam um verdadeiro sincretismo político. Em 1978, o movimento se expandiu quando a Revista Pop trouxe ao Brasil, o “*maravilhoso mundo do punk rock inglês*”¹⁵, numa matéria sobre o movimento e um disco que trazia músicas de bandas punk já famosas na Inglaterra, como The Jam e Sex Pistols.

Em poucos meses, aconteceu uma espécie de mudança no modo como os punks brasileiros vinham sendo descritos pela imprensa brasileira, que, no lugar de passar uma imagem de um movimento inofensivo e caricatural, começou a mostrar o

¹² MELICCI, Alberto. *A invenção do presente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 21

¹³ Idem, p. 139

¹⁴ Há futuro nos punks? *Revista Istoé*, São Paulo: Editora Três, Novembro de 1977

¹⁵ Termo utilizado pela edição da revista Pop.

movimento a partir de uma imagem “ligada à extrema direita e incorporada pelo mercado de consumo”,¹⁶ mas esses temas foram passados simultaneamente, ainda sem uma análise mais profunda. E fica clara em todas as publicações uma certa descrença sobre a possibilidade de inserção dos punks na “cultura brasileira”. Em 1978, a Folha de São Paulo publicou o artigo “A república tupiniquim, a vanguarda do punk” onde o jornal afirma que o

(...) punk surge como uma contradição inexplicável, no momento em que a ordem natural é cultivada em todo o planeta das mais diversas formas – zen, ioga, macrobiótica, etc (...) Tudo indica que não há lugar para semelhante disparate na cultura brasileira, a menos que voltássemos aos tempos que antecederam ao Tropicalismo.”¹⁷

Neste mesmo ano, Marco Antônio Lacerda publica no Jornal da Tarde:

“(...)O Sex Pistols, negando os contestadores anos 60 e 70 e tornando-se imediatamente porta-voz da recessão econômica da Inglaterra. O punk é música de pobre (...), simples e aborda temas sociais”¹⁸

Em vários artigos da imprensa conservadora brasileira e estrangeira, os punks sempre foram descritos como sendo anarquistas - jovens contra qualquer tipo de governo. O anarquismo é, na verdade, um conceito que expressa que qualquer governo é um mal. Alguns princípios do anarquismo são: autonomia, caracterizada pelo respeito às decisões e opiniões do indivíduo no grupo e vice-versa; o apoio mútuo, que preza a ajuda entre os seres de uma organização social; a autogestão, que diz que a comunidade deve cuidar de seus próprios deveres e interesses, o internacionalismo, que seria a extinção das fronteiras, nacionalidades, do patriotismo. O antimilitarismo: contra o autoritarismo, a hierarquia, o serviço militar

¹⁶ COSTA, Márcia Regina, op. cit., p.23

¹⁷ Folha de São Paulo, 12 de Junho de 1978

¹⁸ Jornal da Tarde, 29 de Outubro de 1978

obrigatório. A ação direta, que decide o que lhe diz respeito em oposição a idéia de representação. A autodefesa, que seria conquistar sua liberdade a todo custo. E ainda o princípio de individualismo: todos os seres humanos são únicos, livres e incensuráveis e sendo assim, o indivíduo não poderia se perder na *vontade geral*.¹⁹ E o de Apartidarismo, em negação a toda organização com camuflagem democrática. Segundo os anarquistas, todos deveriam, ainda viver a vida fazendo a sua parte em prol de uma melhoria global.

Mas, em geral, segundo pesquisas e entrevistas realizadas, os punks do Distrito Federal, não se declaram anarquistas, e diziam ser exclusivamente contra o sistema ditatorial, contra a desigualdade social ou contra a censura. Seus ideais políticos, na maioria das vezes, tinham forte afinidade com o conceito de desobediência civil. E quase nunca remontava a modelos organizados de chegada ao poder. Os punks seriam uma *tribo urbana*, com a intenção de expor á população os fatores que eles julgavam incorretos, na política e na sociedade.

Segundo José Guilherme Magnani, o termo “*tribo urbana*” geralmente é utilizado para identificar transgressões em manifestações previstas e toleradas como características de determinada faixa etária. Quando os efeitos de tais práticas vão além desse limiar, muda o enfoque para o da delinquência, do banditismo, da violência urbana. Para o autor é essencial se lembrar que esse termo se trata de uma metáfora e não de uma categoria.

...a diferença é que enquanto aquela (metáfora) é tomada de outro domínio, e empregada em sua totalidade, categoria é construída para recortar, descrever e explicar algum fenômeno a partir de um esquema conceitual

¹⁹ Termo muito utilizado por Rousseau, para indicar o sentido de grupo básico para formação da Nação e do Estado. Toqueville, outro autor de teoria política renomado, certamente concordaria com essa posição individualista.

*previamente escolhido. Pode até vir emprestada de outra área, mas neste caso deverá passar por um processo de reconstrução.*²⁰

Assim, o termo “tribos urbanas” não é adequado para designar, de forma consistente e inequívoca, nenhum grupo ou comportamento no contexto das práticas urbanas, já que não constitui um instrumento capaz de classificar, descrever e explicar as realidades que geralmente abrange.

Ainda, segundo Magnani, ao invés de tentar reduzir os múltiplos grupos e práticas a um suposto denominador comum, seria mais proveitoso explorar sua diversidade na paisagem urbana, procurando compreender as relações que estabelecem entre si e com outras instâncias da vida social.

Então, para a compreensão do movimento punk nesse período, utilizo uma abordagem da teoria do desvio que, de acordo com Gilberto Velho: *“não retifica o comportamento desviante, mas o relativiza, contextualizando-o.”*²¹

1.1 - DESOBEDIÊNCIA CIVIL

Segundo Henry David Thoreau²², quanto mais conveniente o governo for, tanto mais deixará em paz seus governados.

“o governo em si, que é apenas a maneira escolhida pelo povo para executar sua vontade, está igualmente sujeito ao abuso e à perversão antes que o povo possa agir por meio dele.

²⁰ MAGNANI, José Guilherme C. “Tribos urbanas: metáfora ou categoria?” In: *Cadernos de Campo - Revista de Pós-Graduação em Antropologia*. São Paulo, USP, ano III, n. 2, 1992.

²¹ Gilberto Velho. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, p.83

²² THOREAU, Henry David. *A Desobediência Civil*, L&PM Editores, 1997 (Coleção L&PM Pocket) p.8 e 9

O autor questiona se, ao perceber leis injustas, os cidadãos devem contentar-se em corrigi-las, obedecer-lhes até triunfar ou se se deve trasngredi-las desde logo.

*Os cidadãos na maioria das vezes pensam que se resistissem ao governo, o remédio seria pior que o mal, mas na verdade é o governo que o torna pior. Afinal por que o governo não encoraja os seus cidadãos a prontamente apontarem seus defeitos e a agirem melhor do que ele lhes pede?*²³

E ainda segundo Thoreau, a autoridade do governo, mesmo aquela a que ele estaria disposto a se submeter, seria ainda uma autoridade impura. Para ser rigorosamente justa, ela deve ter a sanção e o consentimento dos governados. Não pode ter nenhum direito puro sobre nenhuma pessoa ou patrimônio, apenas aquele que lhe é concedido. E até que se queira a proteção do Estado, ou até que se veja exclusivamente voltado para o desenvolvimento de uma propriedade em seu território, através de um empreendimento pacífico, pode-se permitir-se recusar obediência ao Estado e seu direito à vida e patrimônio do indivíduo.

*Agradaria-me imaginar um Estado que, afinal, possa permitir-se ser justo com todos os homens e tratar o indivíduo com respeito como um seu semelhante; que consiga até mesmo não achar incompatível com sua própria paz o fato de uns poucos viverem à parte dele, sem intrometer-se com ele, sem serem abarcados por ele, e que cumpram todos os seus deveres como homens e cidadãos. Um Estado que produzisse este tipo de fruto, e que o deixasse cair assim que estivesse maduro, prepararia o caminho para um Estado ainda mais perfeito e glorioso, que também imaginei, mas que ainda não avistei em parte alguma.*²⁴

²³ THOUREAU Op. Cit, P.25

²⁴ IDEM P.57

Sendo assim, um indivíduo não deve aceitar de forma submissa as designações dos legisladores do congresso porque esta, sem a correção pela oportuna experiência e pelas efetivas reclamações do povo, não seria o bastante para que o Estado se desenvolvesse. Na ausência de qualquer correção da sociedade civil, o Estado (no caso os Estados Unidos) não seria capaz de sustentar o lugar que ocupa entre as nações. Então, se o indivíduo percebe que, de alguma forma, poderia existir um melhor aproveitamento do Estado e de suas funções, deve reclamar ao Estado para assim tentar obter um melhor funcionamento desse. Mas quando o indivíduo percebe a incapacidade do Estado e não deseja ser membro dessa instituição ou ainda, ao perceber leis injustas, o autor expõe que:

*Custa menos, em todos os sentidos, incorrer na pena de desobediência ao Estado do que me custaria obedecer-lhe. Neste caso, eu haveria de me sentir diminuído*²⁵

1.2 - PODER E VIOLÊNCIA

Existe uma familiaridade muito grande entre violência e poder. O poder, aqui entendido no seu sentido habitual de poder político, sempre se utiliza de alguma forma da violência, e esta, em troca, sempre exprime uma certa forma de poder. Segundo Roger Dadoun, essa violência surge ao longo da história, através de práticas de extermínio muito concretas, arrancando o homem de um terror originário e hipotético, para sua humanização. E os vínculos entre poder e violência são tão estreitos e presos de tal maneira às suas estruturas, que se chega a pensar que o único problema real do poder é a violência e que a única verdadeira finalidade da violência é o poder nas suas mais diversas formas. Ainda segundo o autor:

²⁵ THOUREAU, Op. Cit. P 36

...a violência se mantém no coração do poder e o poder se mantém no coração de violência. (...) Estas formulações podem parecer abruptas, mas elas são solidificadas, em todos os casos, pela quase totalidade de filosofias políticas, que sempre reservam um lugar de qualidade para o tema da violência: sempre, em algum sentido, a reflexão sobre a violência.

Praticamente nenhuma ideologia, a maior parte dos sistemas de poder não declara praticar a violência por ela mesma. Essa violência é protagonizada principalmente por policiais civis e militares contra integrantes das classes populares, revelando forte conteúdo classista e racista, uma vez que produz vítimas, em sua maior parte, pobres e negras.

A prática da violência policial, especialmente nos anos da Ditadura Militar, era legitimada pelo Estado Brasileiro. E esses agentes do Estado, responsáveis em tese, pela implementação da legalidade e garantia da ordem pública, tornavam-se muitas vezes, motivo de temor da população. Durante os anos da Ditadura Militar no Brasil, era comum a prática de sumiços forçados pelo governo, quando brasileiros que incitavam outros a serem politicamente ativos, eram presos e desapareciam. Isso aconteceu em Brasília com o presidente do DCE da UnB, Honestino Guimarães, preso algumas vezes e desaparecido nos anos 70. A família de Honestino recebeu a certidão de óbito em 1996 e os documentos ignoravam a causa da morte.

Esses desaparecimentos foram estudados por Ronaldo Couto²⁶, conforme dados obtidos pelo autor, em Outubro de 1997, na Comissão especial de Mortos e desaparecidos políticos, do Ministério da Justiça, instaurada em 1996, a situação oficialmente reconhecida pelo governo em Agosto de 1997 era a seguinte: 126 mortos, 144 desaparecidos e ainda 35 casos em exame e 63 processos indeferidos.

²⁶ COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura. Brasil 1964- 1985*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Através do emprego de táticas bem desenvolvidas de coerção, do recurso a ataques violentos, ameaças, intimidações e retaliações que buscavam silenciar protestos e denúncias, criando uma “*atmosfera de insegurança generalizada*”²⁷. Tal insegurança com relação aos agentes do Estado e a sensação de impotência geraram uma intensa fragilização da sociedade civil, que tende a não reagir, mas, ainda assim, alguns grupos articularam práticas claras e intencionalmente políticas.

*Neste sentido, experimentam o autoritarismo como solo de construção da sociabilidade política, ciram um espaço público – tornam-se visíveis, nomeiam suas lutas, seus direitos e constróem uma herança política.*²⁸

A ‘demonstração de força’ da polícia é acionada como uma forma complementar e exterior, como um poder ao qual se recorre para potencializar a percepção de que por detrás das falas de teor normativo, de objetivo “recuperador”, disciplinador, estão acopladas ações baseadas na força e no enfrentamento.

*A inserção do sujeito em relações de gênero, classe e étnico – raciais condiciona a forma pela qual este se apropria da noção de direitos, interpela a ordem institucional e reivindica-os. Por outro lado, o fato de o sujeito representar-se como portador de direitos não significa necessariamente que terá possibilidades reais de usufruir esses mesmos direitos*²⁹

²⁷ ALMEIDA, Suely Souza de. “Violência urbana e constituição de sujeitos políticos”. In: PEREIRA Carlos, e Rondelli, Elizabeth (org.) Linguagens da violência.

²⁸ TELLES, Vera S. “Anos 70: experiências, práticas e espaços políticos”. In: Kowarick, Lúcio (org.). As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente.

²⁹ ALMEIDA, Suely Souza de, op. cit.

A violência policial da polícia brasileira nos anos da Ditadura Militar é retratada nas músicas das primeiras bandas punk de São Paulo, como na música *Agressão Repressão*, que foi uma das primeiras composições da banda Ratos de Porão, formada em 1981:

*É preciso mudar o sistema policial / Porque eles estão matando a pau /
Gente decente / É preciso mudar o sistema policial / Porque eles estão
matando a pau / Gente inocente / Em vez de proteger a população / Vivem
agredindo algum cidadão / Sem nenhuma razão / Agressão - Repressão / É
preciso mudar o sistema policial / Já estamos cansados de agressão /
Agressão - Repressão*

A violência do Estado ficou explícita também em um episódio de repercussão nacional, ocorrido em Volta Redonda - SP em Novembro de 1988, quando tres metalúrgicos foram assassinados por tropas do exército brasileiro, durante uma greve na Companhia Siderúrgica Nacional. Esse caso foi relatado na música *Aos fuzilados da CSN*, da banda Garotos Podres:

*Aos que habitam cortiços e favelas / e mesmo que acordados pelas sirenes
das fábricas / não deixam de sonhar de ter esperanças / pois o futuro vos
pertence, pois o futuro vos pertence! / Aos que carregam rosas sem temer
machucar as mãos / pois seu sangue não é azul, nem verde do Dólar / mas
vermelho da fúria amordaçada / de um grito de liberdade, preso na garganta
/ Fuzilados da CSN assassinados no campo, torturados no DEOPS
/ espancados na greve / A cada passo desta marcha, camponeses e
operários / tombam homens fuzilados / Mas por mais rosas que os
poderosos matem / nunca conseguirão deter a Primavera! / Pois o futuro
vos pertence!*

1.3 - VIOLÊNCIA EXERCIDA POR JOVENS

Segundo Glória Diógenes, o adolescente exerce a violência por um vazio de palavras que sejam mobilizadoras de nomeação e reconhecimento social, pelo próprio descrédito na legitimidade de suas palavras. É como se fôssemos pensar em ações destituídas de palavras. Ações que inclusive operam um terrorismo das palavras, falam por si sós, através de símbolos como gestos, dos códigos, das roupas, dos adereços, das tatuagens e até de cortes de cabelo. Tal linguagem é uma fortaleza das palavras, repleta de significados. Quando a polícia realiza o enfrentamento às gangues, se mobiliza através da lógica da guerra: muita ação, nada de palavras. A justiça se tece na simples “aplicação” dos artigos do Estatuto, concebida na idéia de que a lei nada tem a dizer, apenas a cumprir.

A violência é a própria ausência, é um nada, um vazio, um furo na cadeia de significantes. Um nada a dizer. O que a violência das gangues revelam então? Que nada mais há a dizer.³⁰

Segundo a autora Glória Diógenes, a polícia no Brasil, reage de maneira violenta à violência mobilizada pelos jovens, *“mobilizando não apenas uma ‘violência em cadeia’, mas, essencialmente, reforçando o vazio das palavras e, conseqüentemente, o vazio da lei.”*

As músicas de bandas punk brasileiras, muitas vezes incitavam o jovem a enfrentar a violência policial, revidando com violência, não necessariamente contra a polícia, mas muitas vezes, contra eles mesmos. Os álbuns com esse tipo de conteúdo, em sua maioria, só foram lançados ao final da Ditadura Militar, no ano de 1985, como no caso do álbum *Tente mudar o amanhã*, da banda cólera, que tem a música *Passeata*:

*Gás - Gás, Bomba – Bomba /Vamos enfrentar, vamos enfrentar!! / Todos na
rua vamos gritar / Contra o facismo, temos que enfrentar / Enfrentar!!!*

³⁰ DIÓGENES, Glória, op. cit.,

CAPÍTULO II - MOVIMENTO PUNK COMO UMA REAÇÃO A UM ESTADO AUTORITÁRIO

Este segundo capítulo pretende analisar as motivações e o contexto do surgimento do movimento punk em Brasília mostrando a relação da população civil e o Estado Brasileiro, enfatizando a reação da população civil quando os instrumentos de diálogo com o Estado são insuficientes. Será abordado também, como essa relação com o Estado mudou com a volta a democracia, depois do período da ditadura militar.

No Brasil, especificamente em Brasília, o processo que levou uma determinada parcela de jovens a se identificar como *punks* e criar o movimento punk na cidade foi influenciado pelos meios de comunicação de massa. Como no caso do entrevistado “Cidão”,

*...eu era moleque, com onze anos eu estava assistindo o Jornal Hoje aí eu vi uns punks de Londres tirando fotos, e eu falei: Pô, por que eu não posso ser igual a esses caras? Vamos aí, o mundo taí, o movimento é geral no mundo todo.*³¹

A identificação com as letras de bandas brasileiras, especialmente de São Paulo, era outro fator de grande influência para os punks do Gama, Taguatinga e periferia de Brasília, já que as bandas de São Paulo cantavam sobre problemas sociais e políticos.

³¹ Segundo entrevista realizada no dia 10 de Setembro. Show de 20 anos da banda ARD, Gama – DF

...ele levou lá pra mim ouvir, Miséria e fome dos Inocentes. Eu falei caralho, meu irmão! Que letra é essa! O cara falando 'É tão difícil viver entre a miséria e a fome, sentir na carne e ter que ficar parado, calado'³²

O entrevistado Sandro Neiva, vocalista da banda *Murro no Olho*, também afirma ter se identificado com o movimento punk, a princípio, por escutar as bandas de São Paulo:

... eu comecei a escutar punk em 1984, foi nessa época que eu conheci O Começo do Fim do Mundo, o disco, e esse disco aqui que chama SUB, uma coletânea da mesma época 1983/84, São Paulo.(...) E isso no ano 1984, não tinha internet, não tinha videoclipe, não tinha nada de divulgação pra você comprar um disco underground, desse naipe aí, você tinha que ir em São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, porque Brasília ainda era muito provinciana na época em termos de rock, sabe?³³

2.1 - SURGIMENTO DO MOVIMENTO PUNK EM BRASÍLIA

Segundo Silvio Essinger, ao contrário do que aconteceu em São Paulo e no Rio de Janeiro, o movimento punk em Brasília teve sua penetração inicial exclusivamente entre um grupo muito seletivo de jovens da classe média.³⁴ Para o autor, o início do movimento se deu nos blocos de prédios residenciais no campus da Universidade de Brasília, na área conhecida como Colina.

³² Idem

³³ Segundo entrevista com Sandro Neiva, Realizada no dia 10 de Setembro. Show de 20 anos da banda ARD, Gama – DF

³⁴ ESSINGER, Silvio. *Anarquia planetária e a cena brasileira*. Editora 34, 1999 p.137

*Onde há universidades, todos sabem, há um trânsito de idéias mais livre. Para aqueles intelectualmente ativos, tentando sobreviver numa cidade que vivia como nenhuma outra o sufocamento do regime militar, aquela área era algo próximo de um oásis.*³⁵

Segundo o entrevistado Neném, apesar de o movimento ter chegado na cidade através da classe mais alta, que assimilou principalmente os símbolos, como o visual, a música e a estética, foi na periferia que o movimento achou lugar para se expandir com uma ideologia, num contexto político e social.

*O movimento punk em Brasília foi ao contrário de São Paulo, que São Paulo foi do subúrbio pra capital, né? O movimento explodiu lá nas cidades industriais, né? Cidades onde tinha os operários, da necessidade mesmo dos moleques, adolescentes de 14 anos não tinham opções de diversão, Sem contar o contexto político que foi assim, cara. Que os moleques sentiam aquilo, né? Em Brasília foi ao contrário, em Brasília começou da capital, começaram os filhos de diplomatas, filhos de pais que foram transferidos do Rio pra cá. (...) o primeiro foco que se tem notícia de punk em Brasília foi assim. Eles absorveram a estética.*³⁶

Ao contrário da maioria das bandas de São Paulo da época, as primeiras bandas de Brasília como *Aborto Elétrico* e *Plebe Rude*, que eram da área nobre da cidade e se encontravam num local conhecido como Colina, tinham letras menos voltadas ao lado sociais e políticos. Isso parece um reflexo quase natural de uma cidade como Brasília, que foi construída com o intento de afastar do centro, as pessoas da dita camada inferior da sociedade. Essas bandas se destacavam por sua postura irreverente e por sua estética dura e agressiva:

³⁵ ESSINGER, Silvio. *idem*

³⁶ Segundo Valbert “Neném”, vocalista e guitarrista, fundador da banda Alarme. Entrevista realizada em 21 de Agosto de 2005 num estúdio no Gama-DF

o lance deles era a estética e o som, começou lá porque eles tinham condições financeiras, facilidades, eles viajavam pra Europa e traziam a novidade pra cá, o material. E depois disso continuou esse mito que punks em Brasília tinha que ser do Plano, barão. E depois disso, mesmo nos anos 80, depois desse boom, é claro que... influenciou tudo isso. Aí começou a surgir os punks na satélite que absorveram mais o lado contestador, a revolta que sentiam feito suburbanos (...) Nós andávamos muito com a galera lá do Plano. A gente se ligava muito no lado contestador. E nós começamos a perceber essa diferença entre a gente e do pessoal de lá. Que lá era mais a estética, a música. (...) Mas a gente queria mais coisa. Aí a gente montou o movimento chamado CRÚ, que é consciência, radicalismo e união.³⁷

E ainda:

A gente ouviu Inocentes, a primeira banda, Inocentes, Cólera, Ratos de Porão, essas bandas assim. E tinha umas bandas aqui em Brasília que tocavam uma música... punk, né?! Que... era o Plebe Rude, que tinha aquele protesto, mas... um protesto mais sutil, né. Não era daquelas bandas de São Paulo. Então a gente começou a ouvir bandas de São Paulo e falou: Caramba esse som tem a ver, sabe? Esse som fala de miséria, fala de fome, fala de invasão de... pessoas que vem do Nordeste e vão pro centro, criar mais miséria. E ninguém aprova isso, né? A gente passou a entender esse som como uma possibilidade de a gente levantar uma bandeira por uma causa.³⁸

A diferença entre o movimento punk do Plano Piloto, área nobre da cidade, e nas cidades satélites e entorno, ficava explícita, mesmo nas letras de músicas de bandas como a *Detrito Federal*. Como na música *Bloco K*, que se referia aos adolescentes do Plano Piloto:

³⁷ Segundo Valbert “Neném”, vocalista e guitarrista, fundador da banda Alarme. Entrevista realizada em 21 de Agosto de 2005 num estúdio no Gama-DF

³⁸ Segundo “Gilmar”- Vocalista e fundador da banda punk ARD. Em entrevista realizada em 10 de Setembro no show em comemoração aos 20 anos da banda ARD.

Você fica em casa na janela do seu apartamento, passeando os olhos pelo concreto frio. / Você acha bonito não ter o que fazer enquanto seus amigos pulam desse avião. / Você fica em casa esperando alguma carta para mudar aquela situação enquanto seus amigos ficam bêbados / fazem grupos de rock and roll morrendo de solidão, morrendo de solidão / Você fica em casa na janela do seu apartamento, passeando os olhos pelo concreto frio.

Outro entrevistado ao ser questionado se existe diferença entre o movimento punk da periferia de Brasília e o movimento do Plano Piloto, conhecido como “Colina” afirma:

“Ah, com certeza! Por causa que hoje em dia você não encontra ninguém de lá, hoje em dia tem a nova geração, mas punk da antiga como eu, não tem no Plano Piloto mais”.³⁹

2.2 - HIPPIES

Outro movimento musical de contestação foi o movimento *hippie*. Esse movimento, assim como o movimento punk, estava sendo muito expressivo no mundo e mesmo tendo origem fora do Brasil, foi absorvido e adaptado aqui à realidade daquele período. Havia, entretanto, grandes diferenças entre os *hippies* e os *punks*. A principal diferença é a violência pregada pelos punks que era uma espécie de antítese a paz que era pregada pelos *hippies*.

(As diferenças eram) todas, né? Hippie era aquele lance de Paz e Amor, o punk já pregava o caos e prega o caos. O punk é um lance mais de atitude, né, cara. O movimento hippie é um tanto mais passivo, o punk é ativo,

*contestando, mexendo porque sabe que se não mexer não vai mudar. O hippie costuma achar que tudo vai dar certo no fim. Acaba sendo mais submisso. O punk tem mais consciência de que está tudo uma merda, tudo fodido. É a consciência do caos e isso não vai mudar*⁴⁰

Era como se os hippies, apesar de todas as mazelas do mundo, pensassem estar no melhor dos mundos, como o personagem filósofo Pangloss no livro de Voltaire, *Cândido ou o otimismo*.⁴¹ Em contradição ao conceito de desobediência civil de Thoreau, que incita a desobediência ao Estado frente às leis injustas, mesmo levando-se em conta a pena a ser recebida.

Apesar do apelo ao típico lema “sexo, drogas e rock”, o punk tinha uma ligação ideológica tão forte a ponto de gerar privações voluntárias á alguns desses fatores, como as drogas em função de manter a consciência e a noção exata do ambiente que os cerca. Ao menos, alguma parte dos punks. E existia também essa divergência entre os movimentos hippie e punk, relativa ao consumo de drogas:

*Hippie, o que que era hippie? Era drogado. Não fazia porra nenhuma. Ficava se alienando. Enquanto o sistema tava fudendo com a gente, eles: “paz e amor” sacou? Aí por isso que eu parei. Na época que eu me tornei punk, eu parei de mexer com drogas, pra ficar mais consciente e saber o que eu estava fazendo.*⁴²

2.3 - INCONFORMIDADE

³⁹ Segundo Gilmar.

⁴⁰ Segundo Valbert “Neném”, vocalista e guitarrista, fundador da banda Alarme. Entrevista realizada em 21 de Agosto de 2005 num estúdio no Gama-DF

⁴¹ VOLTAIRE, *Cândido ou o otimismo*. São Paulo: LP&M, 1998

⁴² Entrevista com Bosco - o vocalista da banda Detrito Federal. Em 13 de Novembro de 2005

A inconformidade com a ditadura militar no Brasil fez com que muitos jovens se reunissem em grupos em espécies de movimentos sociais. Essa inconformidade devia-se principalmente ao fato de que, na maioria das vezes, esses jovens não se sentiam parte do Estado, já que não havia meios de comunicação, de representação efetiva com o mesmo. Até porque não havia liberdade de expressão, a censura do Estado Brasileiro impedia a expressão livre de idéias da população.

Todos esses fatores geravam um sentimento de resignação por parte da população, especialmente na camada mais jovem da população, que muitas vezes cerceada pelo Estado em seu direito de expressão, reunia-se buscando uma “válvula de escape”, nascendo daí movimentos de contestação como o movimento punk que fazia protestos políticos:

“Pode-se dizer que foi o primeiro manifesto do desfile de 7 de Setembro em Brasília (...) a gente juntou um pessoal do grêmio no Centro Educacional aqui do Gama. Então foi aquele lance bem forte. As pessoas foram sabendo porque estavam lá, né? O lance das armas, né? Gastando dinheiro com armas e a fome no país. Aquele desfile mesmo para intimidar a população, né?! Que a população não poderia se rebelar, que nós temos aquele poderio todo aqui, né? E vai ser contra vocês que será usado. Não tentem se rebelar. Então nós fomos aí, né? Imagina Brasília. Punks protestando. Naquele visual. Nós levantamos a primeira faixa. “Quanto mais armas, mais fome” E era o Figueiredo, né? Coisa sinistra mesmo. E nós enfrentando a PM. Mas esse Sete de Setembro a divulgação foi bem escassa. Porque já pensou cair um panfleto na mão... Isso aí foi mais movimentos nossos mesmo. Já pensou cair um panfleto desses na mão de um (Policia).”

Outro dos entrevistados conhecido como “Cidão”, considerado pelos outros punks que entrevistei como o primeiro punk que começou a “circular” com um corte moicano, corte de cabelo que é símbolo típico do movimento punk, pelo Gama, ao ser entrevistado declarou que:

7 de setembro,⁴³ dia da bomba de Hiroshima, tinha sempre essas datas que a gente chegava lá, no dia que o Bush veio pro Brasil, tudo, tudo, tudo. Política era a nossa área. Sempre fui político, sempre fui anarquista por 18 anos, anarquista da COB, que era um movimento federal, tem no mundo todo. Eu era um dos cabeças aqui em Brasília, fazia reuniões.

Esses protestos não seguiam um modelo convencional de protestos políticos, muitas vezes os punks utilizavam de meios como pichação, numa espécie de desobediência civil, para demonstrar suas idéias. Segundo Bosco, vocalista e fundador da banda *Detrito Federal*, os protestos eram um meio de conscientização. Muitas pessoas aderiram ao movimento punk principalmente com a intenção de conscientizar a população de que a realidade social, econômica e política vivida naquele momento não era a ideal e que algo deveria ser feito para modificá-la.

A gente fazia pichação, saca? Esse negócio todo. E tinha uma mina que andava comigo, que era filha de um cara do alto escalão do exército. E certo dia nós fomos pegos pichando. A gente sempre pichava: “Abaixo a Ditadura” e esses negócios todos. Nesse dia a gente estava pichando: “Punk is not dead” (Punk não morreu). Nessa hora chegou o pessoal da PM, levou a gente, e ameaçou de dar porrada, de bater (...) essa menina, a filha do coronel, ela foi liberada, mas depois os pais dela queriam conversar com a gente, entendeu. E falou: ‘Ó, vocês nunca foram torturados, vocês não sabem com quem vocês estão mexendo, então pára com isso, que da próxima vez...’

Aí, o quê que eu fiz? Eu continuei protestando, mas não através assim, de pichação. Tive que montar a banda. Foi quando eu conheci o Cascão, né? E montamos o Detrito Federal.⁴⁴ Que eu poderia protestar, que como era música, era mais liberal.

⁴³ O entrevistado Cidão não especificou o ano dessa manifestação

⁴⁴ A banda Detrito Federal foi fundada em 1984 e se rapidamente se tornou uma das mais conhecidas no circuito de bandas punk de Brasília.

A inconformidade com o Estado era apontada em diversas músicas das primeiras bandas punk brasileiras, como a letra da música *Insatisfação*, da banda Garotos Podres. Composta aproximadamente em 82, lançada em seu primeiro disco, intitulado “*Mais podre do que nunca*”, em 1985:

*Insatisfação, Insatisfação! / Vivemos num mundo de insatisfação / Ninguém
esta contente com a inflação / Greves no ABC // (...) // Os dias estão
passando e não descobrem o remédio / Greves passeatas e tudo mais*

2.4 - VIOLÊNCIA DO ESTADO

O Estado militar usava de violência contra grupos, especialmente contra grupos de jovens.

...já aconteceu da gente tocar aqui no FAGAMA, que tipo assim... tinha um tempo pras bandas tocarem, e foi reduzindo, reduzindo e na hora que a gente ia tocar, eles falaram que acabaram o som, né? Mas aí foi a PM que mandou acabar, porque sabia do contexto das letras, e aí pra eles não interessava, né?! Cara, muitos show aqui no Gama, a PM chegou.... Já acabaram muitos sons aqui. Via o visual da galera e às vezes alguém já ligava falando que o pessoal estava usando droga, sacou? E nesse tempo a gente era anti-droga. Eu era anti-droga. A gente não tomava nada, sacou.⁴⁵

E ainda:

Teve um cara lá em Taguatinga que foi bem na época que começou a PATAMO, sacou? O cara, sem sacanagem mesmo, arrancou o moicano dele na faca, sacou? O bicho morava até na UnB. O bicho foi pra Taguatinga e arrancaram o moicano dele na faca. A gente sofria a repressão mesmo, né? Cara, em casa você já sofria, imagina nesse militarismo (...) Rolava também os infiltrados, né? Que na verdade nós

⁴⁵ Segundo Neném, vocalista da banda Alarme

éramos muito inocentes, sacou? A gente tinha muita inocência. Lembro uma vez a gente chegou num buteco e tinha um casal trocando idéia com a gente e a gente de boa. Na época já bebíamos. Aí os caras conversando com a gente e perguntando o que era o movimento punk e a gente falando na maior inocência. Depois a gente foi saber que eram canas. E a gente na maior inocência⁴⁶.

Outro entrevistado ao ser questionado sobre a violência policial da polícia brasileira contra grupos específicos, durante a ditadura militar, afirma:

(...)na época você saía de moicano, cabelo espetado era muita violência, era o exército na rua. Ou você suportava ou deixava, certo?⁴⁷

2.5 - O FINAL DO PERÍODO DA DITADURA MILITAR

Ainda segundo a maioria dos entrevistados, ao final do período da ditadura militar, o movimento punk perdeu força política, como se o que mais incomodasse fosse o sistema da ditadura militar e ao final desse sistema e com o início do regime democrático, tal desobediência civil não fizesse tanto sentido.

(Com final da ditadura, existe) a diferença política. É totalmente diferente dos anos 80. E no rock, influenciou até isso. Quanto mais opressão, mais você luta por liberdade. E na época, não tinha essa segregação que ta tendo agora. Nos anos 80 nós fundamos o CRU, né? (...) que é consciência, radicalismo e união.⁴⁸

Ao final da ditadura militar, também aconteceu a criação e a solidificação de diversos grupos e movimentos sociais como o movimento dos sem terra (MST), o

⁴⁶ Segundo Neném

⁴⁷ Cidão, um dos primeiros punks da periferia de Brasília, em entrevista realizada em 10 de Setembro no Gama.

⁴⁸ Segundo Valbert (Neném)

Movimento Negro Unificado – MNU e o Movimento de Mulheres. Isso também se deve ao fato de a sociedade em geral ter amadurecido e cada grupo ter aderido especificamente a suas próprias lutas. Segundo o entrevistado Sandro Neiva,

Eu não sei exatamente se foi o fato do fim da Ditadura Militar que mudou a essência do movimento. Que mudou, mudou. (...)A ciência política⁴⁹ dessa época se esvaiu.⁵⁰

Existiam ainda punks que pertenciam a movimentos políticos anarquistas, e depois de um tempo filiaram-se a partidos políticos, alguns inclusive aderiram a partidos políticos tradicionais, conhecidos por terem grande quantidade de filiados de classe média alta e alta:

Política era a nossa área. Sempre fui político, sempre fui anarquista por 18 anos, anarquista da COB, que era um movimento federal, tem no mundo todo. Eu era um dos cabeças aqui em Brasília, fazia reuniões. Muitos passaram pro PSDB

Ao final da ditadura e com a abertura democrática, ocorreu uma mudança de foco do movimento, em função de um processo de democratização. A revolta havia sido amenizada. A possibilidade de se dar voz a determinados assuntos por meio da formação de movimentos talvez tenha gerado mecanismos de estímulo à revolta. Ou seja, com a chegada da democracia as “botas” poderiam ser substituídas por trabalho em ONGs. A incitação das letras deu lugar ao trabalho voluntário a até a campanha política.

...pra gente foi passar a desenvolver ações práticas na comunidade. Por exemplo, visitar um lar de velhinhos é uma ação prática. Pra você ter uma idéia, um dos primeiros shows que teve no Gama pra arrecadar fundos pra

⁴⁹ Com isso o entrevistado quis expressar que os punks de Brasília, ao final da ditadura militar, não tinham mais tantas motivações políticas á protestar.

alguma Instituição foi feito pela ARD, a gente fez numa escola e criamos uma parceria com uma ONG dos kardecistas, e arrecadamos meia tonelada de alimentos para uma creche no Setor Oeste do Gama, que era uma creche específica para cuidar de crianças com câncer num estágio terminal.⁵¹

O movimento punk que existiu no Distrito Federal no início da década de 80 teve fortes influências dos jovens de classe média e alta do Plano Piloto, que ouviam a música punk. Nas cidades satélites, houve uma identificação maior com o ideal punk e a fomentação de uma revolta contra o sistema político da ditadura militar. Com o final do período da ditadura militar, aconteceu um desestímulo a essa revolta e várias ONGs e grupos sociais foram criados, dando vazão a indignação gerada pela desigualdade social.

⁵⁰ Segundo Sandro Neiva em entrevista realizada em 10 de Setembro no Gama.

3 – MOVIMENTO PUNK E SOCIEDADES COMPLEXAS

Nesse capítulo serão analisados os fatores que levaram o movimento punk a se tornar internacionalizado. Além disso, será dada ênfase nas motivações que levaram parte dos jovens a escolher suas identidades a partir de um movimento internacional, incorporando vários elementos de contracultura, o conceito que será analisado mediante o comportamento do movimento punk dentro da sociedade brasileira que, após a ditadura militar, tornava-se cada vez mais complexa.

Os jovens punks no início dos anos 80 no Brasil buscavam padrões e características de identidade produzidas além de suas culturas locais. Tal identificação permitiu a esses jovens a possibilidade de construção de identidades contestatórias, de resistência civil e de expressão de sonhos e desejos de parte da juventude desta época.

O autor Félix Guattari⁵² expõe as características do capitalismo contemporâneo ao final do século XX, como sendo um sistema mundial e integrado, em processo geral que ele denomina de *desterritorialização*. Tal processo não se refere unicamente a questões econômicas, pois *“interfere constantemente nas áreas mais individuais e mais inconscientes da vida social, sem que seja possível estabelecer ordem de causalidade unívoca entre os níveis planetários e os níveis moleculares.”*⁵³

⁵¹ Segundo “Gilmar”- Vocalista e fundador da banda punk ARD. Em entrevista realizada em 10 de Setembro no show em comemoração aos 20 anos da banda ARD.

⁵² GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: Pulsões políticas do desejo*. São Paulo, Brasiliense, 1981

⁵³ Idem, p.211 e 216.

Assim sendo, a mundialização das estruturas de poderes, gerou um processo de descentralização de poderes, graças aos mecanismos de desterritorialização. Todavia, estas estruturas não são sinônimos de homogeneização plena e nem significam o fim das diversidades e tensões existentes dentro das sociedades contemporâneas.

O indivíduo, a identidade, a história e a cultura não se situam apenas nos níveis grupais, de classe, de nação e, apesar de não perderem a fisionomia original, ultrapassam fronteiras e situam-se além de suas origens.

*O que predomina é essa sociedade mundializada, globalizada, na qual todas as marcas, particularidades, segmentos e singularidades possuem traços e determinações conferidos pelo movimento geral desse capitalismo mundial integrado.*⁵⁴

Segundo a autora, os punks ilustrariam esse processo geral conferido pela modernidade atual. Nesse sentido, o escopo dos bens culturais gera grandes possibilidades de conscientização e politização coletiva.

3.1 - CONTRACULTURA

Os punks constituem um movimento cujo ideal se aproxima mais do conceito de contracultura que, assim como a cultura, pode ter um viés fortemente internacionalista. Segundo Pereira:

O termo 'contracultura' foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram não só nos Estados Unidos, como em vários outros países,

⁵⁴ COSTA, Márcia Regina. *Os carecas do subúrbio*. Rio de Janeiro: Musa, 2000, p.212 e 213.

*especialmente na Europa, e também na América Latina. (...) Uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, a cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente.*⁵⁵

Contracultura seria então, uma alternativa, um fator que coloca em dúvida valores centrais vigentes e instituídos na cultura ocidental. Com o grande crescimento dos meios de comunicação, a difusão de normas, valores, gostos e padrões de comportamento que se libertavam das limitações tradicionais e locais, como a religiosa e a familiar, ganhando uma dimensão mais universal e aproximando ideologicamente as juventudes de diferentes partes do globo. Ainda segundo Pereira:

*De um lado, o termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude que marcaram os anos 60: o movimento hippie, a música rock. (...) De outro lado, o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às forças mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. (...) Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos, em diferentes épocas e situações, e costuma ter um papel fortemente revigorador da crítica social.*⁵⁶

É vital a importância dos meios de comunicação de massa para configurar a contracultura: *“pela primeira vez, os sentimentos de rebeldia, insatisfação e busca que caracterizam o processo de transição para a maturidade encontram ressonância nos meios de comunicação”*⁵⁷.

⁵⁵ PEREIRA, Carlos Alberto M. Pereira. *O que é contracultura*, Brasiliense, 1982, p.13

⁵⁶ Idem, p.20

No caso dos punks brasileiros, não se tratava de assimilar tudo da contracultura, ou seja, de se transformar em uma cópia da contracultura inglesa ou americana. Mas sim, de reinventar a própria cultura, unindo os dados disponíveis do nacional e do estrangeiro numa criação brasileira moderna, das pessoas que acreditaram ser o movimento.

Para o autor Gilberto Velho⁵⁸ existe uma dicotomia indivíduo – sociedade e cultura. Ele critica a atribuição do conceito de patologia social aos comportamentos desviantes. Ainda segundo o autor, o estudo do comportamento desviante, por parte da antropologia era então assunto novo no Brasil.

O problema de desviantes é, no nível do senso comum, remetido á uma perspectiva de patologia. Os órgãos de comunicação de massa encarregam-se de divulgar e enfatizar esta perspectiva quer em termos estritamente psicologizantes, quer em termos de uma visão que pretende ser “culturalista” ou “sociológica”. A formulação deste tipo de orientação acadêmica, que não são capazes de superar a camisa-de-força de preconceitos e intolerância.⁵⁹

Gilberto Velho chama atenção à importância de autores que tem apontado os mecanismos sócio-culturais mobilizados na identificação desse tipo de desvio, destacando que é preciso verificar como a vida sociocultural é representada e percebida. A ênfase cultural, dada a certos objetivos, varia independentemente do grau de ênfase sobre os meios institucionalizados. Pode-se desenvolver uma tensão muito pesada, por vezes virtualmente exclusiva, sobre o valor de objetivos particulares, envolvendo, em comparação, pouca preocupação com os meios

⁵⁷ CARVALHO, 2002 in.WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Contracultura&oldid=1247014>>. Acesso em: 21 Fev 2006

⁵⁸ VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, p.8

⁵⁹ Ibidem p.11

institucionalmente recomendadas de esforçar-se para a consecução de tais objetivos.

O comportamento desviante não é somente algo que, por ir contra a cultura vigente na sociedade, mas pode ameaçar a própria existência da sociedade. Algumas áreas da cultura podem até ser modificadas com a difusão de certa contracultura e nesse caso a contracultura que gerou a modificação, pode passar a ser bem vista. Sendo assim, certos comportamentos desviantes de caráter inovador podem trazer as respostas adequadas para a permanência de determinado sistema.

3.2 – SOCIEDADE URBANA COMPLEXA E O MOVIMENTO PUNK

Os punks foram responsáveis por tornar a sociedade urbana brasileira mais complexa. De acordo com Velho, as metrópoles são fontes geradoras de fragmentação e complexidade do tecido social, em oposição às sociedades primitivas/simples, as quais geram relações hierárquicas e relacionais, impossibilitando o espaço da diferenciação e do individualismo. No ambiente urbano, graças ao anonimato e à impessoalidade, a multiplicidade de discursos, identidades e vozes contestatórias da ordem social vigente ganham visibilidade política e social .

Segundo Melucci, *"Um sistema é complexo porque põe uma quantidade de possibilidades à disposição dos atores, um potencial de ações possíveis, que é sempre mais amplo que a capacidade efetiva de ação de tais sujeitos"*.⁶⁰ Por isso, ter informação é uma das condições fundamentais para a sobrevivência e o

⁶⁰ Idem, p. 86

desenvolvimento das sociedades complexas. É vital para os atores que desejam interferir na lógica de funcionamento dos valores vigentes e transformar suas relações de poder, a plena capacidade de processar, produzir e difundir informação.

Mediante o fim da ditadura militar, surgiram várias vozes, movimentos e identidades, que antes estavam caladas devido a censura e repressão vigente durante o período da ditadura. Os punks surgiram no Brasil pouco antes do momento em que os discursos de afirmação de identidade, contestação da repressão e defesa da liberdades individuais começaram a tomar força. O país começava a ter metrópoles que se configuravam como sociedades complexas. Nos últimos anos da ditadura, foi se tornando cada vez mais possível a organização dos mecanismos de resistência dos punks, como shows que ajudavam a propagar informações que indicavam uma insatisfação com o sistema.

Para Melucci, as sociedades complexas se caracterizam pela presença de três elementos fundamentais: *diferenciação*, *variabilidade dos sistemas* e *excesso cultural*. A diferenciação se expressa através dos múltiplos códigos e símbolos existentes nas diferentes esferas da vida cotidiana e pela necessidade de se dominar os diferentes códigos para circular entre as várias esferas. A variabilidade dos sistemas está relacionada à velocidade e a frequência das mudanças. "*Um sistema é complexo porque muda freqüentemente e se transforma velozmente*" ⁶¹ Neste tipo de sociedade, existe um excedente cultural, que se refere ao conhecimento e às informações colocadas à disposição dos atores.

Os movimentos sociais indicam uma transformação na lógica e nos processos que guiam as sociedades complexas, como o movimento punk, que se

⁶¹ Alberto Melucci: *Acción Colectiva, Vida Cotidiana y Democracia*. México. El Colégio de México, Centro de Estudios Sociológicos, México, 1999, p.85

apresentava como uma rede de solidariedade com fortes conotações culturais. A identidade coletiva é um produto de trocas, negociações, decisões, conflitos entre os atores. As formas contemporâneas de ação coletiva são múltiplas, variáveis e atingem diversos níveis do sistema social.

Nas sociedades complexas, a ação dos movimentos sociais se diferencia do modelo de organização política e assume uma independência crescente em relação ao sistema político, pois se entrelaça estreitamente com a vida cotidiana e com a experiência individual. *“O espaço social dos movimentos não coincide mais com as formas tradicionais de organização da solidariedade nem com os canais estáveis da representação política.”*⁶²

Talvez por este motivo, os punks de Brasília, no início dos anos 80, tenham tido um impacto maior do que nos anos 90 ou mesmo contemporaneamente. O impacto deste movimento no estado militar brasileiro, extremamente repressor, foi muito mais forte do que é hoje, quando os canais de comunicação política estão cada vez mais refinados e a sociedade brasileira está cada vez mais complexa.

Gilberto Velho opõe os conceitos de *destino* e *projeto* para explicar as diferenças entre sociedades simples e complexas. O *destino* manifesta-se mais amplamente em sociedades simples, permeadas com valores tradicionais, onde os sujeitos interagem de forma relacional, na qual a desigualdade e a hierarquia estão naturalizadas. Segundo o autor, *“A questão do destino e suas representações aparece assim como um eixo privilegiado para a discussão das relações entre indivíduo e sociedade”*.⁶³

⁶² MELUCCI, Alberto: *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas* – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.22

⁶³ VELHO, Gilberto: *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* - Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003, p.119

As sociedades complexas, como as metrópoles, permeadas por valores modernos como a individualidade, há uma concepção de que se pode mudar a realidade da própria vida, almejando um emprego melhor por exemplo. Essa sensação de poder modificar a realidade, é expressa por meio da realização de *projetos* de vida e de sociedade, com forte perspectiva de mudança da realidade subjetiva, ou da sociedade ou mesmo da política.

Essa lógica dos valores é característica de cada tipo de sociedade. A capacidade transformadora experimentada nas sociedades complexas faz com que alguns sujeitos, ao almejarem, por exemplo, um outro projeto de sociedade ou de política, se unam em favor de uma meta, como no caso de movimentos formados por jovens, como o movimento punk. Isso se deve também às várias *províncias de significados*, como diversas religiões, o campo político, econômico, ideológico, instâncias de controle e repressão, em constante diálogo e embate, que existem somente nesse tipo de sociedade.

Sendo assim, o movimento punk surge como um *projeto* e é característico do meio urbano, graças ao tecido social complexo que esse meio sustenta. Uma sociedade complexa comporta várias vozes e identidades ao mesmo tempo, graças também à impessoalidade, ao passo que seria muito difícil a existência de um movimento desta natureza em sociedades simples, existentes geralmente nos espaços rurais pouco fragmentados que não aceita a diferença como constitutiva do social, em que cada indivíduo é visto a partir de sua relação com outros e não de forma individual. Este conjunto de valores dificulta a existência de grupos que pratiquem algum tipo de transgressão nesse meio. Segundo Gilberto Velho:

“É claro que em uma sociedade em que o indivíduo é a unidade mínima significativa, a partir de uma ideologia individualista, esse processo se passa de modo díspar do que naquelas em que não os indivíduos estão subordinados, englobados, pelo todo como podem ter valores diferenciados

*em função de sua posição na hierarquia social. Portanto, o reconhecimento entre os indivíduos não se dá, como sabemos, a partir de uma relação propriamente igualitária em qualquer cultura ou sociedade.*⁶⁴

Os punks representam uma das identidades, existentes na sociedade complexa, realizando um papel social. Esse papel não se situa somente em um plano, mas a sua própria existência está condicionada a essas múltiplas identidades. Por isso é importante, segundo Gilberto Velho, que não se tenha uma visão linear da experiência socio-cultural.

⁶⁴ Idem, p.177

CONCLUSÃO

São diversos os motivos pelos quais uma análise sobre o fenômeno de jovens que criam movimentos internacionais de contestação de poder, que não seguem caminhos políticos, é importante para o campo das Relações Internacionais. Especialmente ao se focar no estudo, a relação Estado–indivíduo, que é a base dos estudos desse campo.

As consequências do movimento punk são difíceis de se especificar, segundo a autora Janice Caiafa, as lutas desse movimento *“se caracterizam por serem ‘transversais’, isto é, que não se limitam a um país; ‘imediatas’ por atacarem um inimigo próximo e imediato e por não esperarem achar uma solução numa data futura, mas agirem sobre o momento.”*⁶⁵

Os punks brasileiros representavam uma parcela da população de classe média-baixa, inconformada com o Estado brasileiro do final dos anos 70 e início dos anos 80. Esses jovens tinham a intenção de difundir um campo cultural politizado, contestando o poder do Estado com transgressão às regras e não seguindo modelos políticos tradicionais, como a aderência a partidos políticos.

O movimento perdeu forças ao final da ditadura militar, como uma espécie de acomodação com a chegada da democracia. Segundo as entrevistas realizadas neste trabalho, alguns desses jovens, ao final da ditadura militar, entraram para partidos políticos e movimentos sociais muito conhecidos, como o movimento dos sem terra - MST, fundado no final de 1984.

⁶⁵ COSTA, Márcia Regina. *Os carecas do subúrbio*, São Paulo: Musa, 2000, p 29

Mas, mesmo com as mudanças políticas ocorridas no Brasil, continua existindo uma enorme desigualdade social, o que leva a existirem punks que ainda reivindicam justiça social, protestando e transgredindo regras sociais ou mesmo leis. Esses punks atuais, muitas vezes nem haviam nascido quando os punks do início da década de 80 protestavam, tentam manter o movimento á luz da modernidade, mas com novos valores. os mesmos modos de comportamentos, estilos e linguagem dos antigos.

Os problemas sociais não mudaram tanto, houve o surgimento de outros atores, outros movimentos, partidos políticos, e talvez por isso o impacto do movimento punk, mesmo como uma manifestação cultural, parece ter diminuído. Mesmo as letras das músicas e o visual punk, não causam mais um impacto tão grande quanto no início do movimento, porque o sistema parece ter absorvido a estética punk e a transgressão pode ter dado vazão a outros meios de reclamar e reivindicar.

Talvez tenha faltado um maior projeto social - ou qualquer tipo de projeto - pois os punks, em geral, tem uma visão de que tudo não só tende ao fim, como está bem próximo á ele. Sendo assim, para os punks, não existem muitos planos em relação ao futuro, e o movimento consiste principalmente em queixar-se e protestar, mostrando o que eles consideram que está errado tanto na sociedade quanto na política.

Mesmo assim o movimento punk teve a função de mostrar as pessoas, através de protestos e letras de música, o que eles consideravam estar errado na sociedade brasileira ou mesmo na brasileira. Não é possível mapear ou colocar em termos mensuráveis o impacto de uma dada manifestação cultural, mas existem indicativos notáveis em algumas práticas sociais.No caso do movimento punk em

Brasília, é impressionante a influência da prática musical, especialmente no chamado rock de Brasília, que - segundo a socióloga Angélica Madeira⁶⁶, até hoje atua no imaginário do brasileiro.

O movimento punk influenciou, não só a prática musical ou o vestuário, mas também no estilo de protesto, o qual tinha a intenção principal de advertir; prevenir a população do que estava acontecendo no mundo político como, por exemplo, nas relações do Brasil com o Fundo Monetário Internacional, as quais eles consideravam prejudiciais ao Brasil.

A sociedade contemporânea é mais complexa e existem inúmeros estilos e identidades. A trajetória do movimento punk ainda não acabou. Existem punks atuantes, desde o início da década de 80, ainda organizando mecanismos de resistência como a produção de shows e lançamentos de álbuns musicais nos quais são expostos problemas sociais ainda existentes.

Com o passar dos anos, o movimento punk em Brasília adquiriu diversos aspectos. Atualmente existem diferentes estilos de punk; *anarco punk*, os *carecas*, e os *street punk*. O movimento punk em geral foi, e continua sendo um movimento de minorias, mas apesar de causar um choque menor na sociedade, ainda é atuante. Atualmente, vários jovens punks de Brasília organizam protestos como, por exemplo, contra o aumento das passagens de ônibus.

Analisar o processo das identidades através da trajetória de um movimento internacional representado numa metrópole, capital do país, durante uma transição de regimes de governo é a possibilidade de aproximarmos os estudos acadêmicos à realidade presente no nosso país, especificamente nesta cidade que manifesta uma grande complexidade em sua sociedade.

⁶⁶ MADEIRA, Angélica. 1996. "Formas de Sociabilidade e a cultura da Festa na Juventude Brasileira dos anos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, T. W., **HORKHEIMER**, M. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 113 – 156.

BIVAR, Antônio. *O que é Punk*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

CAVALCANTE, Ivaldo. *Taguatinga: Duas décadas de cultura*. Brasília: Secretaria de Cultura do Distrito Federal – FAC 2003

COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas do subúrbio*. São Paulo: Musa, 2000.

COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura. Brasil 1964-1985*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

DADOUN, Roger. *A violência*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

ESSINGER, Silvio. *Punk: Anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1999

90”.

GASPARI, Elio; Hollanda, Heloísa Buarque de; Ventura, Zuenir. *Cultura em Trânsito: Da repressão á Abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: Pulsações políticas do desejo*. São Paulo, Brasiliense, 1981

LINS, Daniel (org.). *Cultura e subjetividade*. São Paulo: Papyrus, 1997.

MAGALHÃES, Henrique. *O que é Fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993

MAGNANI, José Guilherme C. “Tribos urbanas: metáfora ou categoria?” In: *Cadernos de Campo - Revista de Pós-Graduação em Antropologia*. São Paulo, USP, ano III, n. 2, 1992.

MCNEILL, Legs e MCCAIN, Gillian. *Mate-me por favor*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

MELUCCI, Alberto: *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas* – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

PEREIRA, Carlos Alberto (org.) *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PEREIRA, Carlos Alberto M. Pereira. *O que é contracultura*, Brasiliense, 1982

SOARES, Alcides R. *A ditadura e seu legado: Subsídios á crítica acerca da ditadura militar de 1964 á 1985*. São Paulo: Clíper, 2004.

THOREAU, Henry. *A desobediência civil*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* - Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em:

<<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Contracultura&oldid=1247014>>. Acesso

em: 21 Fev 2006

ZALUAR, Alba. *Da revolta ao crime* S.A. São Paulo: Moderna, 1996.

ANEXO I - ENTREVISTAS

Entrevista realizada dia 21 de Agosto de 2005 em um estúdio no Gama -
Valbert “Nenen”, vocalista, guitarrista e fundador da banda Alarme.

Valbert - ...É o seguinte, porque aquele filme (História do Rock em Brasília). O movimento punk em Brasília, foi ao contrário de São Paulo, que São Paulo foi do subúrbio pra capital, né? O movimento explodiu lá nas cidades industriais, né? Cidades onde tinha os operários. Da necessidade mesmo dos moleques, adolescentes de 14 anos não tinham opções de diversão. Sem contar o contexto político que foi assim, cara. Que os moleques sentiam aquilo, né? Em Brasília foi ao contrário, em Brasília começou da capital, começaram os filhos de diplomatas, filhos de pais que foram transferidos do Rio pra cá.

Hoana - Então começou com eles?

Valbert - É cara, o primeiro foco que se tem notícia de punk em Brasília, foi assim. Eles absorveram a estética.

Hoana - E a Ditadura impedia de alguma forma?

Valbert - Boto fé que era foda chegar e ouvir som, material assim... Mas o lance deles era a estética e o som, começou lá porque eles tinham condições financeiras, facilidades, eles viajavam pra Europa e traziam a novidade pra cá, o material. E depois disso continuou esse mito que punks em Brasília tinha que ser do Plano, barão. E depois disso, mesmo nos anos 80, depois desse bum, é claro que... influenciou tudo isso. Aí começou a surgir os punks na satélite. Que absorveram mais o lado contestador, a revolta que sentiam feito suburbanos.

Hoana - E você pode falar como o punk entrou na sua vida, contando um pouco da sua história?

Entrevista nº 3 “**Cidão**”

Hoana - Meu nome é Hoana, eu estou fazendo um estudo sobre a Ditadura Militar e o movimento punk...

Cidão - Isso aí é a minha praia porque eu estive no tempo do governo do Figueiredo, né? Governo Figueiredo em 81, comecei com 14 anos.. Mas e aí, o que você quer saber?

Hoana - Eu queria saber como era, e se você tinha motivações políticas pra estar no movimento.

Cidão - Tinha, tinha, hoje em dia eu não tenho mais por causa da minha idade, eu tenho quase 40 anos e tal, 39 anos de idade. E isso pesa, né?! Eu trabalho, e tenho filhos e tal, mas na época você saía de moicano, cabelo espetado era muita violência, era o exército na rua. Ou você suportava ou deixava, certo? Porque a repressão é uma coisa que acaba muito o movimento em geral, de tudo quanto é estilo. Mas o punk é agressivo no seu visual, certo?

Hoana - E como o punk entrou na sua vida?

Cidão - Uma vez eu era moleque, com onze anos eu estava assistindo o Jornal Hoje aí eu vi uns punks de Londres tirando fotos, e eu falei: “Pô, por que eu não posso ser igual a esses caras? Vamos aí, o mundo taí, o movimento é geral no mundo todo.” Aí eu peguei e comecei a comprar umas camisas brancas, desenhar meus próprios desenhos, comecei a encontrar o pessoal de São Paulo, fui entrando no movimento, e hoje estou aí, com 22 anos de movimento.

Hoana - E você ainda se considera punk?

Cidão - Eu sou punk até o osso, até o osso. Punk é sangue, não é só visual, é vontade de ser o que você queira ser no dia-a-dia, certo?

Hoana - Você acha que o movimento punk é ligado às drogas?

Cidão - Depende de tudo quanto é pessoa, né? As drogas estão geral, mas o movimento é também um negócio de droga, mas morre muito punk de São Paulo, Rio de Janeiro, e tudo quanto é parte que eu conheço, de drogas também, de álcool, que a droga é geral, é álcool, é cigarro, é tudo.

Hoana - O que você acha da posição política das bandas como Ratos de Porão, na época?

Cidão - Naquela época eu conheci o Ratos antes do João Gordo, se chamava João, Mingau e outros caras lá, né? Que rolavam dentro do Ratos de Porão, aí era política, totalmente política, falava sobre FMI, metia o pau no FMI, falava sobre o subúrbio, mas hoje em daí não é. Eles tocam uma música antiga, mas hoje em dia não há esse peso político.

Hoana - Você que com o fim da Ditadura o movimento mudou de algum modo?

Cidão - Não... assim... dentro de 85, 86 o movimento era forte ainda, a gente tinha uma banda chamada CRU, que significa Conscientização dos Radicais Unidos, era todos os punks que eram fora desse sistema de punks do Plano, eram punks das satélites e nos juntamos e fizemos um movimento forte.

Hoana - Você acha que existia diferença entre a periferia e o Plano?

Cidão - Ah, com certeza! Por causa que hoje em dia você não encontra ninguém de lá, hoje em dia tem a nova geração, mas punk da antiga como eu, não tem em Brasília mais. Tem no Goiás que é o Bosco, que é do Detrito Federal, certo? É um brother meu, e tal. Ele também é da minha época.

Hoana - E rolava "Zine"?

Cidão - Claro, claro, sempre teve a cultura jornalística dentro do movimento punk.

Hoana - Vocês também faziam protestos na rua?

Cidão - Claro, claro. Olha, 7 de setembro, dia da bomba de Hiroshima, tinha sempre essas datas que a gente chegava lá, no dia que o Bush veio pro Brasil, tudo, tudo, tudo. Política era a nossa área. Sempre fui político, sempre fui anarquista por 18 anos, anarquista da COB, que era um movimento federal, tem no mundo todo. Eu era um dos cabeças aqui em Brasília, fazia reuniões. Muitos passaram pro PSDB, mas isso aí é outra história.

Entrevista realizada dia 13 de Novembro em um show da Banda Detrito Federal, no Zona Z, com **Bosco** - o vocalista da banda Detrito Federal.

Bosco - ... É, eu comecei em 83, no final de 82 pra 83.

Hoana – E como você virou Punk? Como foi a história?

Bosco – Ah, assim. Foi... eu recebia uma revista que falava muito de bandas e tal. Era mais rock n' roll aí depois eu ouvi falar e vi fotos dos punks, entendeu? Aí eu comecei a ir atrás, comecei a... conheci... nessa época eu estava colando com o pessoal do Legião Urbana. Eu conheci um cara Punk, o bicho falou: "Ó bicho, eu sei de uns caras punk e eu sei onde eles vão tocar, vamos entrar" Aí eu falei : Vamos lá. Aí eu fui no show do Legião e da Plebe.

Hoana – E era o pessoal da Colina então!?

Bosco – Foi no primeiro show do Legião Urbana. Tinha acabado o Aborto Elétrico, o Renato ficou sozinho na época aí foi um show no Rola Pedra em Taguatinga. Aí eu fui lá, cheguei lá e conheci os punks. Aí tinha um lugar pra